

The background of the book cover is a complex geometric pattern. It features a grid of light blue lines on a white background. Overlaid on this grid are various shapes in shades of green and yellow, including triangles, hexagons, and larger irregular polygons. The colors range from a pale lime green to a deep forest green, with some bright yellow accents. A large, white rectangular box with a thin black border is centered on the cover, containing the title text.

Livros de Poemas

Quinhentismo - 1500

Autor: Pe. José de Anchieta

Jesus na Manjedoura

- Que fazeis, menino Deus
Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui Formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

-Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado....

Poema de barroco - 1601

Autor: Gregório de Matos Guerra

A Jesus Cristo Nosso Senhor Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, Da vossa alta clemência me despido; Porque, quanto mais tenho delinqüido, Vós tenho a perdoar mais empenhado. Se basta a vos irar tanto pecado, A abrandar-vos sobeja um só gemido: Que a mesma culpa, que vos há ofendido, Vos tem para o perdão lisonjeado. Se uma ovelha perdida e já cobrada Glória tal e prazer tão repentino Vos deu, como afirmais na Sacra História, Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada, Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino, Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Arcadismo- 1768

Autores e suas obras:

Frei Santa Rita Durão- (1722- 1784) - Caramuru

Claudio Manuel da Costa- (1729-1789)- obras poéticas e Villa Rica.

Brasílio da Gama (1741-1795) Autor do poema épico O Uruguai

Romantismo- 1836

Autora: Hilda Hilst

Tenta-me de novo

E por que haverias de querer minha alma Na tua
cama? Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas
Obscenas, porque era assim que gostávamos. Mas não
menti gozo prazer lascívia Nem omiti que a alma está
além, buscando Aquele Outro. E te repito: por que
haverias De querer minha alma na tua cama? Jubila-
te da memória de coitos e acertos. Ou tenta-me de
novo. Obriga-me.

Realismo 1881

Sê

Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina, Sê um arbusto no vale mas sê O melhor arbusto à margem do regato. Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore. Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva E dá alegria a algum caminho. Se não puderes ser uma estrada, Sê apenas uma senda, Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela. Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso... Mas sê o melhor no que quer que sejas.

Autor: Douglas Malloch

Naturalismo 1881

Invejo as flores que murchando morrem, E as aves que
desmaiam-se cantando E expiram sem sofrer... Autor:
Álvares de Azevedo

Parnasianismo-1881

Vaso Chinês Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado Contador
sobre o mármore lúcido, Entre um leque e o começo
de um bordado. Fino artista chinês, enamorado, Nele
pusera o coração doentio Em rubras flores de um
sutil lavrado, Na tinta ardente, de um calor sombrio.
Mas, talvez por contraste à desventura, Quem o
sabe?... de um velho mandarim Também lá estava a
singular figura. Que arte em pintá-la! A gente acaso
vendo-a, Sentia um não sei quê com aquele chim De
olhos cortados à feição de amêndoa.

Autor: Alberto de Oliveira

Simbolismo- 1893

Poema: Acrobata da dor

– Cruz e Sousa Acrobata da dor Gargalha, ri, num riso de tormenta, como um palhaço, que desengonçado, nervoso, ri, num riso absurdo, inflado de uma ironia e de uma dor violenta. Da gargalhada atroz, sanguinolenta, agita os guizos, e convulsionado salta, gavroche, salta clown, varado pelo estertor dessa agonia lenta ... Pedem-se bis e um bis não se despreza! Vamos! retesa os músculos, retesa nessas macabras piruetas d' aço. . . E embora caias sobre o chão, fremente, afogado em teu sangue estuoso e quente, ri! Coração, tristíssimo palhaço.

Pré-Modernismo 1902

Pronominais Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e o bom branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa disso camarada Me dá um cigarro.

Autor: Oswald de Andrade

Modernismo 1920

Moça Linda Bem Tratada (1922)

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,
Burra como uma porta: Um amor. Grã-fino do
despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como
uma porta: Um coió. Mulher gordaça, filó, De ouro por
todos os poros Burra como uma porta: Paciência...
Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.

Autor: Mário de Andrade